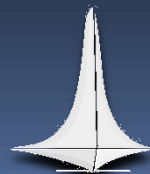


CENTRO CULTURAL
BRASIL · PERÚ
EMBAJADA DE BRASIL EN EL PERÚ

Una mirada hacia la literatura brasileña y amazónica

Conferencia realizada por Rozenilda
Falcão de Melo, Directora del
Centro Cultural Brasil-Perú, en la
VI Semana Cultural de Brasil,
ocurrida en Pucallpa
en noviembre del 2014.



CENTRO CULTURAL
BRASIL - PERÚ
EMBAJADA DE BRASIL EN EL PERÚ

Colaboración de Gilson Charles dos Santos,
Coordinador Pedagógico del
Centro Cultural Brasil-Perú

<http://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-royalty-free-ec%C3%B3logo-no-conceito-do-trabalho-image13240359>

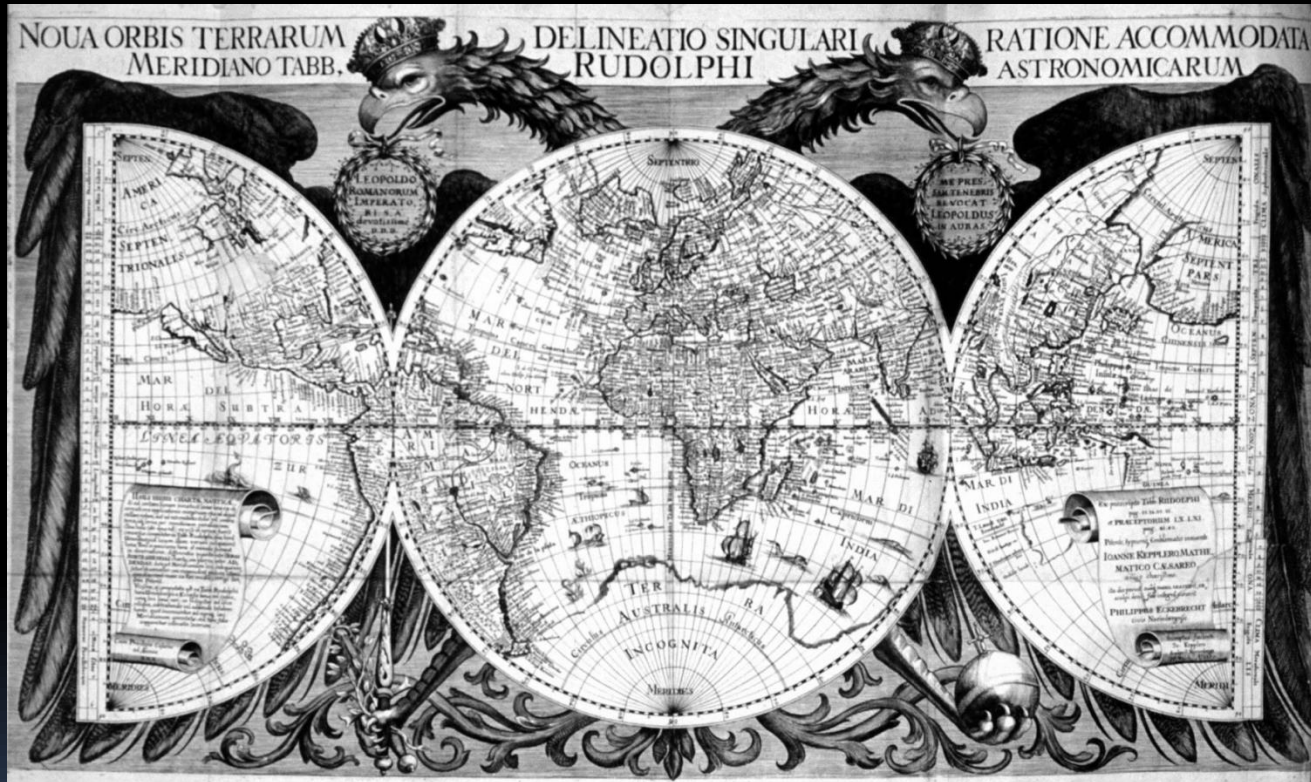
ORÍGENES

FASES

- Era Colonial
 - Quinientismo (1500 - 1601)
 - Seiscentismo o Barroco (1601 - 1768)
 - Sietecentismo (1768 - 1808)
 - Transición (1808 - 1836)
- Era Nacional
 - Romanticismo (1836 - 1881)
 - Realismo (1881 - 1893)
 - Simbolismo/Pre modernismo (1893 - 1922)
 - Modernismo (1922 - 1945)
 - Literatura brasileña contemporánea.



El Quinientismo – literatura en Brasil (1500 - 1601)



Literatura informativa: la nueva tierra descrita por viajeros y cronistas

Literatura jesuítica: catequesis realizada por misioneros de la Compañía de Jesús

“Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que - para o bem contar e falar - o saiba pior que todos fazer.

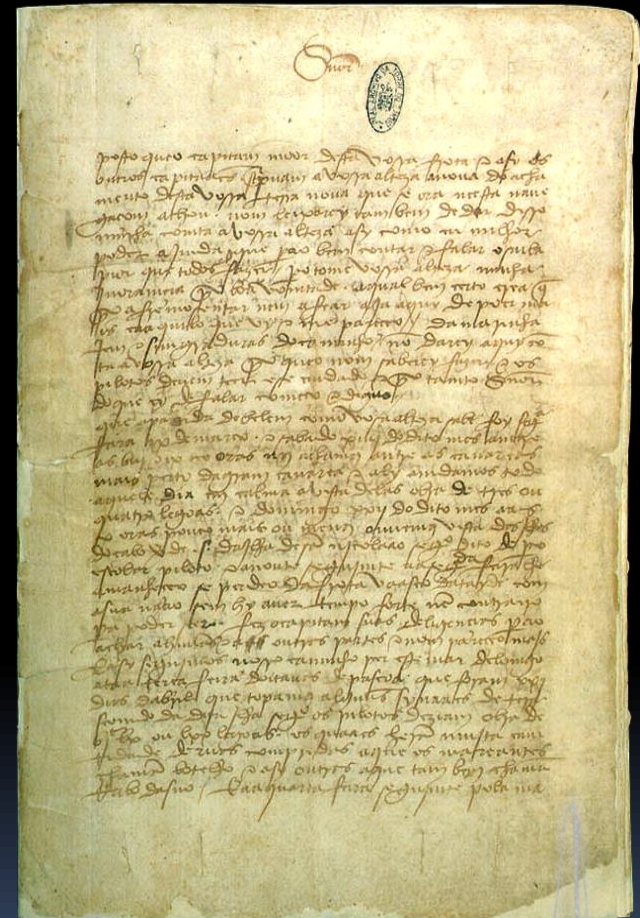
Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

(...)

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, estando da dita Ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos.

Neste dia, a horas de véspera, havemos vista de terra!

Primeiramente dum grande monte, muí alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome - o Monte Pascoal e à terra - a Terra da Vera Cruz. (...)

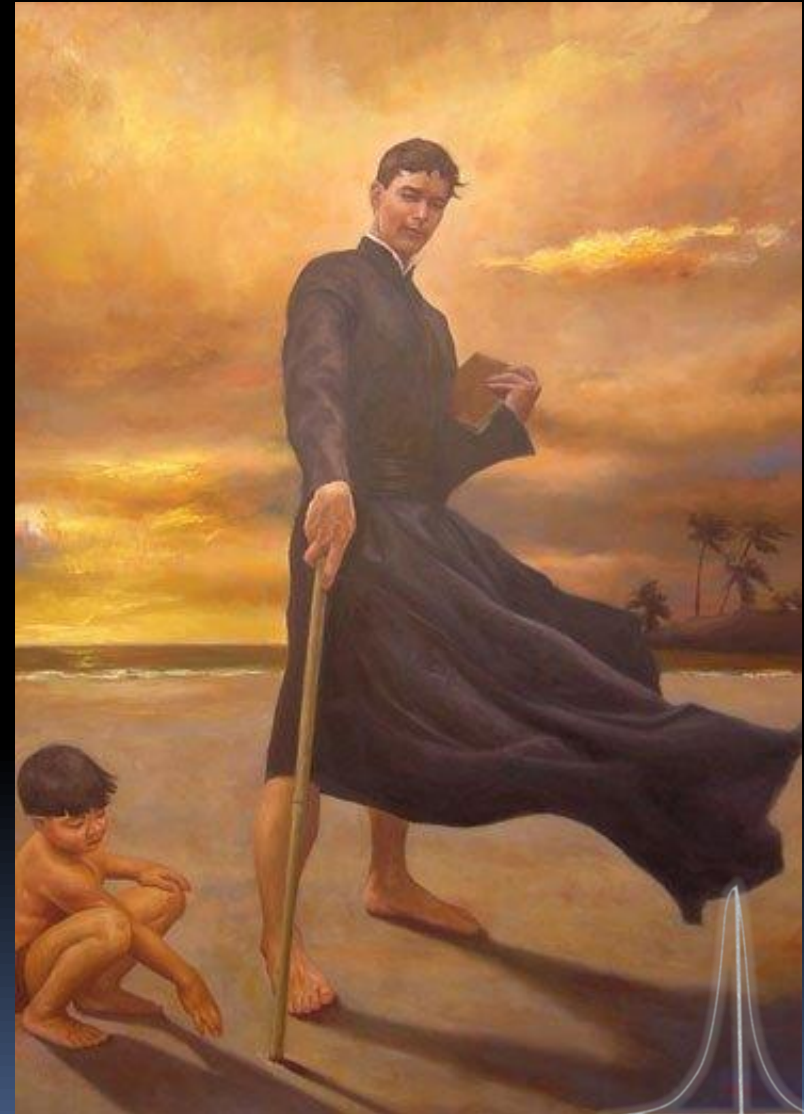


Carta de Pero Vaz de Caminha al
Rey de Portugal Dom Manuel

DE GENTIS MENDI DE SAA (A saga de Mem de Sá)

“Lá toda a legião de jovens, nos quais internamente mais agudo era o ardor de sangue e o desejo da nefanda guerra, feroz, reuniu suas armas, o arco, as céleres setas, as madeiras pintadas com penas de aves (...) e as imensas peles roubadas das ilhargas das feras, endurecidas ao sol, escudos horríveis e impenetráveis aos dardos. Todos vestidos com a pátria cor, de robustos membros: uns tingiram de vermelho as faces, a fronte e o meio das pernas; outros, os corpos com o negro suco, e todas as articulações ornadas de diversos nós, imitando, com o corpo pintado, as verdadeiras vestes; quais túnicas que, pela bela arte da solerte artífice Minerva, a destra costuma pintar com agulha, ou aquelas redes sutis que tece, com múltiplo fio. Com outros retiraram as penas das costas e dos peitos de variadas aves, e as tingiram com cor diversa, e as puseram em volta dos corpos untados de visgo. Muitos ornaram as cabeças árduas com asas de aves, pendurando numerosos colares no bem penteado cabelo; e deram uns e outros aspectos, pelos membros nus, ferozes, horríveis de vista, e de face ameaçadores”.

In: De Gentis



San José de Anchieta (Espana, 1534 – Brasil, 1597)

El Seiscentismo o Barroco (1601 - 1768)



Descripción de Recife (capital) de Pernambuco

Por la parte sur donde la pequeña
Osa se ve de guardias rodeada,
donde el luciente cielo más serena
su influencia posee, y temperada.
Junto a la nueva Lusitania ordena
a la natura, madre moderada,
un puesto tan calmado y tan seguro
que a las cóncavas naves es un muro.

Es este puerto tal, por estar puesta
una cinta de piedra, inculta y viva,
a través de soberbia costa expuesta,
donde quiebra Neptuno furia esquivo.
Entre la playa y piedra descompuesta,
el líquido estafiado se deriva
con tanta mansedumbre, que bastara
que a *Argos* la fatal un ancla armara.

Y en medio de esta obra alpestre, y dura,
rompió una embocadura el mar hinchado
que en lengua de los bárbaros oscura,
Paranambuco es de todos llamado.
De Paraná, que es mar, Puca, rotura,
con la furia hecha de ese mar salado,
que al discurrir, pues, sin ninguna mengua,
cueva del mar se llama en nuestra lengua.

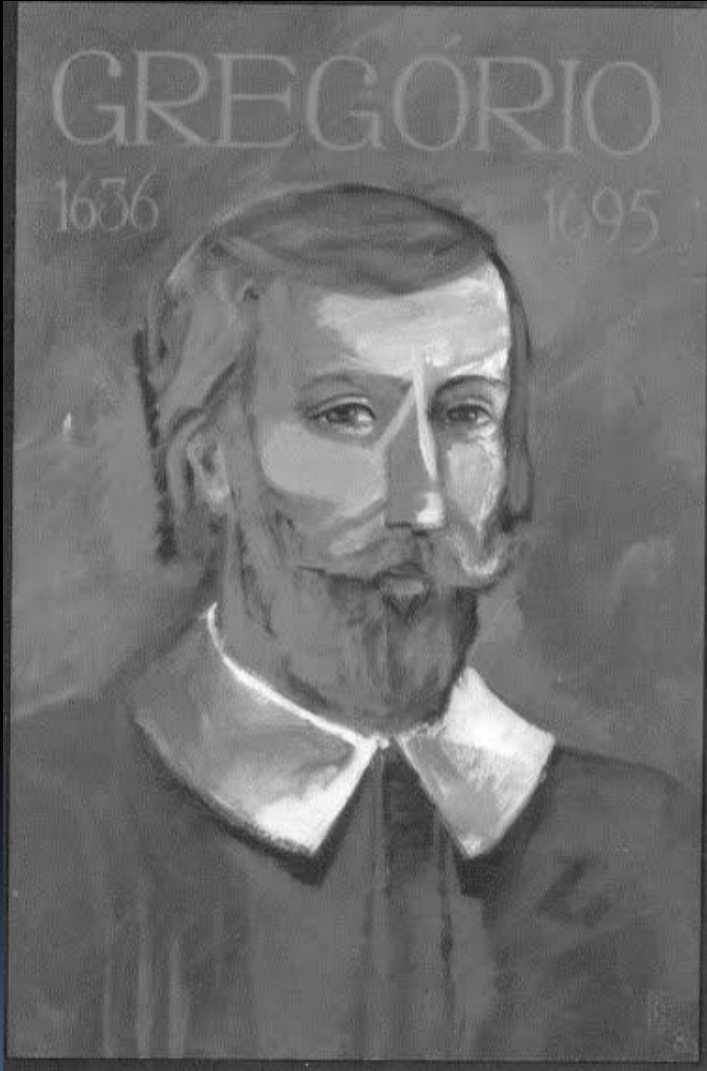
Al entrar a la rada, y a la izquierda,
hay una roca grande y espaciosa,
total mina a piratas si se acuerda
que una torre tuviera suntuosa.
Mas quien por sus servidos bienes pierda,
aborrezca el hacer cosa asombrosa:
la norma del monarca que no es franco,
el vasallo la hará en las obras manco.

Prosopopeya, 1601.



Bento Teixeira
(Lisboa, 1540/1545-1618)





Gregorio de Matos (Salvador, 1636 – Recife, 1695).

A JESUCRISTO NUESTRO SEÑOR

Pequé, Señor, mas no porque he pecado,
de tu grande clemencia me despido;
porque quanto más tengo delinquido,
te tengo en perdonar más empeñado.

Si para airarte basta gran pecado,
para ablandarte bástate un gemido;
pues el pecado aquel que te ha ofendido
para el perdón te tiene lisonjeado.

Si una oveja perdida y recobrada
gloria y placer te daría tan repentino,
como se afirma en la sagrada historia,
yo soy, Señor, la oveja descarriada:
tómame; y no quieras, pastor divino,
perder en esta oveja tu alta gloria.

Sermão da Sexagésima(*), 1655.

(...)
Nunca na igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva; não há um moço que se arrependa; não há um velho que se desengane; que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa, se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós: a mim, para aprender a pregar; a vós, para que aprendais a ouvir.

Tal deficiência pode provir ou de Deus, com a graça, ou do pregador com a doutrina, ou do ouvinte, com entendimento. Deus porém não falta: ele é o sol e a chuva, e o Evangelho não fala das sementes que se perdem por falta das influências do céu. A culpa portanto é ou do pregador ou dos ouvintes. Mas mesmo os piores ouvintes, os espinhos e as pedras, hão de aceitar a palavra de Deus. Segue-se pois que a culpa é do pregador.

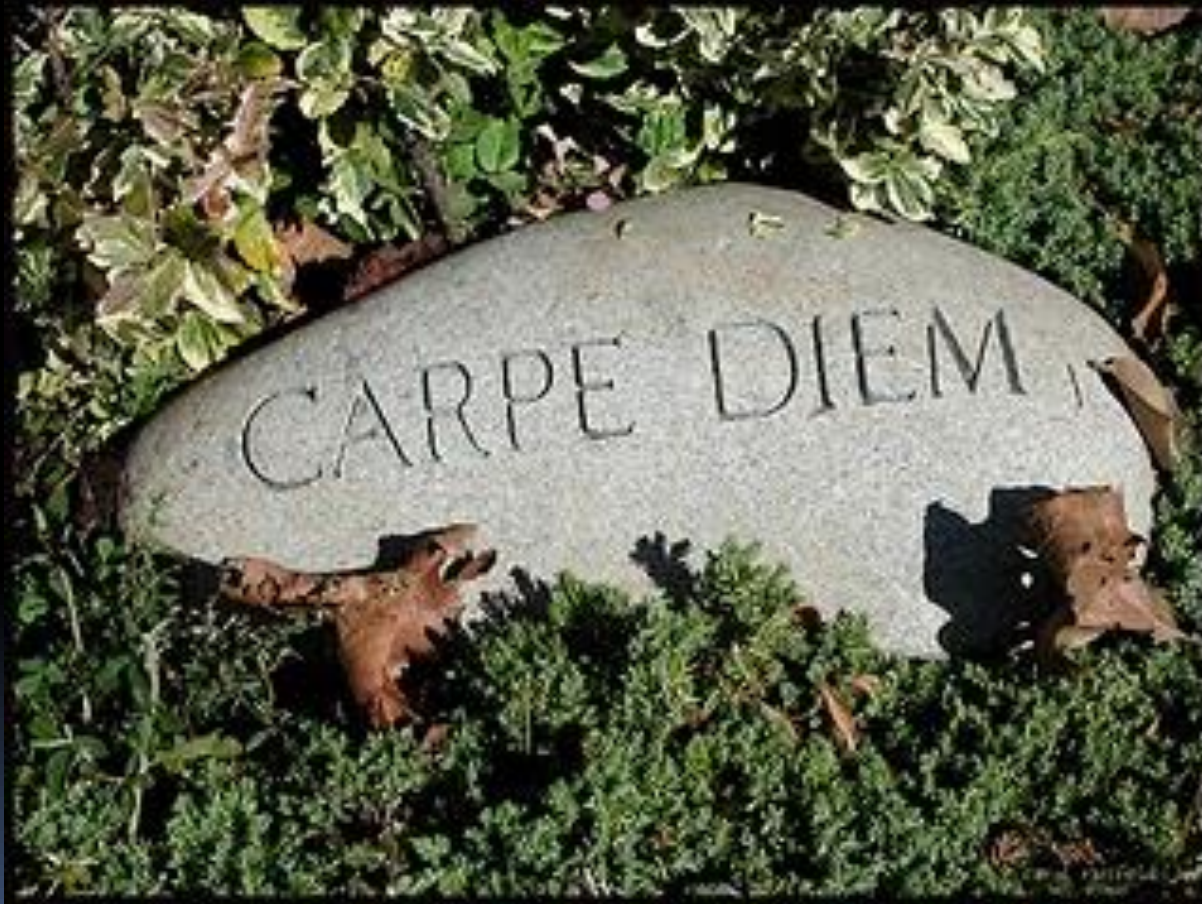
(...)

(*) Penúltimo domingo antes de la cuaresma, aproximadamente el sexagésimo día antes de Pascua.



Padre Antonio Vieira (Lisboa, 1608 — Salvador, 1697)

El Sietecentismo o Arcadismo (1768 - 1808)



El Sietecentismo o Arcadismo (1768 - 1808)



Claudio Manuel da Costa (1729 – 1789)

Nise

No veas, Nise amada,
tu bella gentileza
del agua en el cristal.
Ella te engaña, pues retrata
lo suave, y encubre lo glacial.
Los bellos ojos
vuelve, vuelve a mi pecho:
verás, cruel, en mil pedazos hecho
gemir un corazón: verás un alma
ansiosa suspirar: verás un rostro
lleno de penas, lleno de disgusto.
Observa bien, contempla
toda la triste estampa. Retratada
en una copia viva
verás distinta y pura,
cruel Nise, tu hermosura.



No te engañe, oh bella Nise,
el cristal de fuente amena;
que esa fuente es muy serena,
y muy blando ese cristal.

Si así como ves tu rostro,
vieras, Nise, sus efectos,
puede ser que en nuestros pechos
el tormento fuese igual.

El Romanticismo (1836 - 1881)

A POESIA

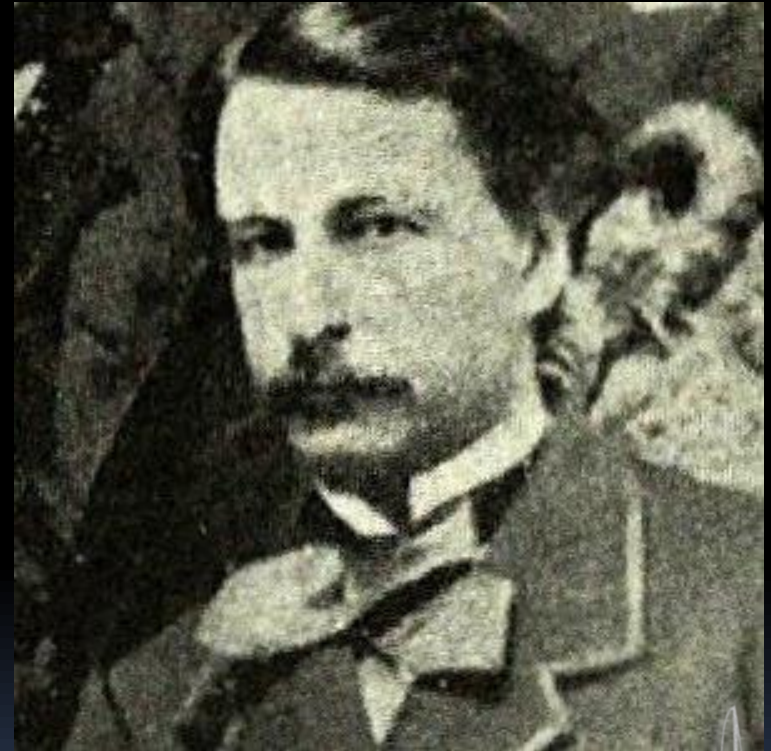
(...)

Tu és o perfume,
E o esmalte das flores,
Dos sóis os fulgores,
Dos céus a harmonia,
Do raio o clarão!

Tu és a alegria
D'uma alma piedosa,
E a voz lutuosa,
A voz d'agonia,
Que escapa do peito,
De quem vai do leito
À terra baixar.
Tu és dos desertos
O som lamentoso,
E o eco choroso
Das vagas do mar.

Tu és a inocência,
E o riso da infância,
Do velho a prudência,
Do moço o vigor,
Do herói a clemência,
Do amor a constância,
Da bela o pudor.
(...)

In: *Suspiros poéticos e saudade*



Gonçalves de Magalhães (Rio de Janeiro, 1811 – Roma, 1882)

Romanticismo – generación nacionalista o indianista

Canción del exilio

Mi tierra tiene palmeras
En donde canta el sabiá*;
Las aves que aquí gorjean,
No gorjean como allá.

En nuestro cielo hay más luces,
En nuestras vegas más flores,
En nuestros bosques más vida
Y vida con más amores.

Al pensar, solo, en la noche
Más placer encuentro allá;
Mi tierra tiene palmeras
En donde canta el sabiá.

Mi tierra tiene primores
Como no las hallo acá;
Al pensar -solo y de noche
Más placer encuentro allá;
Mi tierra tiene palmeras
En donde canta el sabiá.

No permita Dios que muera
Sin que vuelva para allá;
Sin que goce los primores
Que no encuentro por acá;
Sin que vea las palmeras,
En donde canta el sabiá.



Gonçalves Dias (Maranhão, 1823 - 1864)

(*) Pájaro brasileño semejante al tordo

O etnógrafo...

"(...) La Iglesia no tiene puertas ni ventanas – los santos y algunos pobres paramentos encerrados en la sacristía. El profesor no tiene alumnos. Todo es miseria y destrucción. (...)”

*"Pocas veces Dios me ha concedido presenciar.
¿Quién se resiste a una escena así? ¡Suicidio!
Pero, ¡qué importa! Quiero bañarme en este lugar.
Al menos en mi libro de notas quiero dejar una página de recuerdos
de este mágico panorama”.*

Sobre la puesta del sol en una isla de un río amazonense.

"Llegamos a Paraguarí – reunión de unas 6 chozas, o más, e iglesia abandonada. Árboles de guayaba en los montes. Árboles de naranjas y limas cubiertas de parásitos, pero aún así cargadas de frutos excelentes. Árboles de papaya cuyos frutos se pudren en el suelo. Ruinas de grandes ciudades o edificios aun son monumentos, ruinas de chozas, donde en dos días todo desaparece debajo del césped, casas que se caen antes que las puertas de paja tengan tiempo de podrirse, que se cierre el estrecho camino hacia el campo cultivado, son las verdaderas ruinas”

Trechos de “El Diario de Viaje al Río Negro”



Gonçalves Dias (Maranhão, 1823 - 1864)

Romanticismo – generación “mal del siglo”

SI YO MURIESE MAÑANA

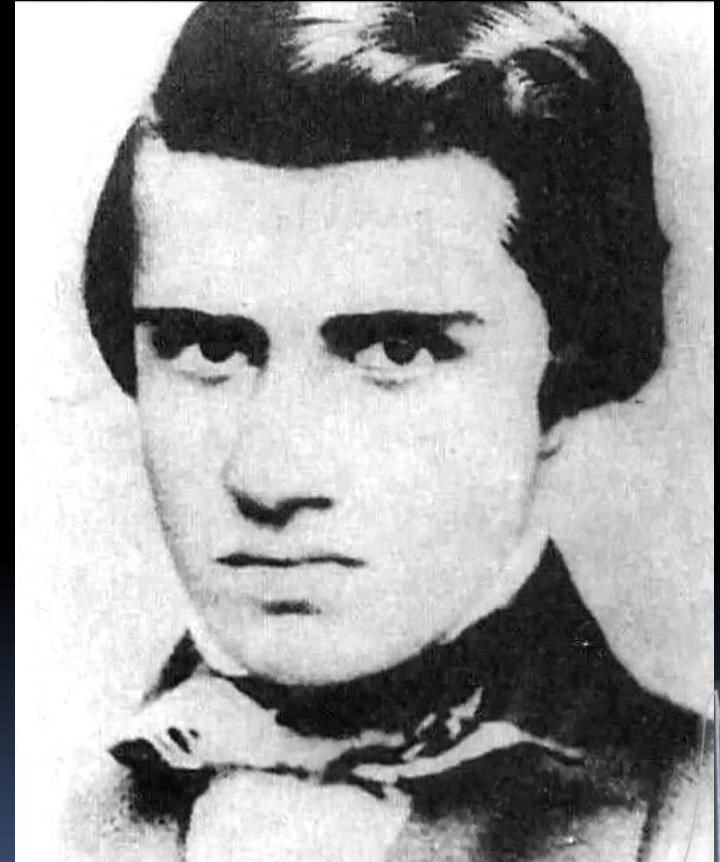
Si muriese mañana, vería al menos
cerrar mis ojos mi afligida hermana;
mi madre de nostalgia moriría
si muriese mañana.

¡Cuánta gloria presiento en mi futuro!
¡Qué alba de porvenir y que mañana!
Perdería llorando esas coronas
si muriese mañana.

¡Qué sol! ¡Qué cielo azul!
¡Qué dulce del alba
despierta la natura más lozana!
No latiera ese amor dentro del pecho
si muriese mañana.

Y el dolor de la vida que devora
ansias de gloria al que doliente afana...
Ese dolor se callaría al menos
si muriese mañana.

*In: Lira de los veinte años.
Traducción de Renato de Mendonça*



Álvares de Azevedo
Sao Paulo 1831 – Rio de Janeiro 1852

El Navío Negrero (fragmento)

(...)

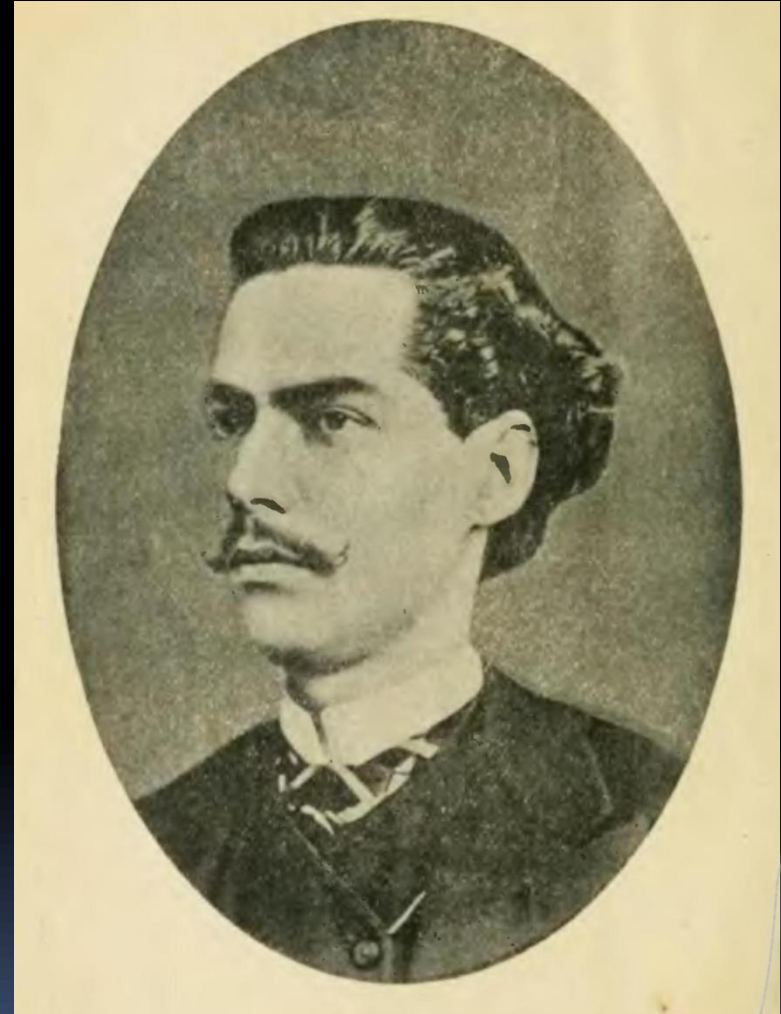
*En pleno mar...salta audaz el espacio
Un rayo de luna -áurea mariposa-
Y las olas tras él corren... fatigan
Como turba de chiquillos inquieta.*

*Estamos en pleno mar... del firmamento
Los astros saltan como espumas de oro...
Mas el mar enciende fosforescencias,
-Constelación de líquido tesoro...*

*Estamos en pleno mar... Dos infinitos
Allí se estrechan en abrazo insano.
Azules, áureos, plácidos, sublimes...
¿Cuál es el cielo? ¿Cuál el océano?*

*Aquí en pleno mar... desplegando velas
Al fuerte alfar de las brisas marinas,
El bergantín se desliza en los mares
Cual rozan la ola las golondrinas.*

*De dónde viene o va? De nave errante
Quién el rumbo sabe en tan gran espacio?
Sahara en que corceles el polvo alzan,
Galopan, vuelan, mas no dejan trazo.
(...)*



Castro Alves

Bahía, 1847 - Rio de Janeiro, 1871

Iracema

(...)

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto. Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

(...)



José de Alencar
Ceará, 1829 – Rio de Janeiro, 1877

El Realismo (1881 - 1893)



Cultivo de café

El Realismo (1881 - 1893)

Misa de gallo *(cuento)*

Nunca pude entender la conversación que sostuve con una señora, hace muchos años, tenía yo diecisiete, ella treinta. Era la noche de Navidad. Habiendo convenido con un vecino en ir los dos a la misa de gallo, preferí no dormir; acordamos que yo iría a despertarlo a medianoche. La casa en que me hallaba hospedado era la del escribano Menezes, quien había estado casado, en primeras nupcias, con una de mis primas.

La segunda esposa, Concepción, y su madre, me acogieron muy bien, cuando vine de Mangaratiba a Río de Janeiro, meses antes, a hacer el curso de ingreso a la universidad. Vivía tranquilo, en aquella casa de dos plantas de la Calle del Senado, con mis libros, pocas relaciones, algunos paseos. La familia era pequeña: el escribano, la mujer, la suegra y dos esclavas. Costumbres a la antigua. A las diez de la noche todos estaban en sus aposentos; a las diez y media la casa dormía. Yo nunca había ido al teatro, y más de una vez, oyendo decir a Menezes que se iba al teatro, le pedí que me llevase con él. En tales ocasiones la suegra hacía una mueca, y las esclavas se reían con disimulo; él no respondía, salía y sólo volvía a la mañana siguiente. Más tarde supe que el teatro era un eufemismo en acción.

Menezes tenía amores con una señora, separada del marido, y dormía fuera de casa una vez por semana. Concepción había sufrido, al principio, por la existencia de la concubina. Pero al fin se había resignado, se había acostumbrado, y terminó pensando que aquello era una cosa normal. (...)



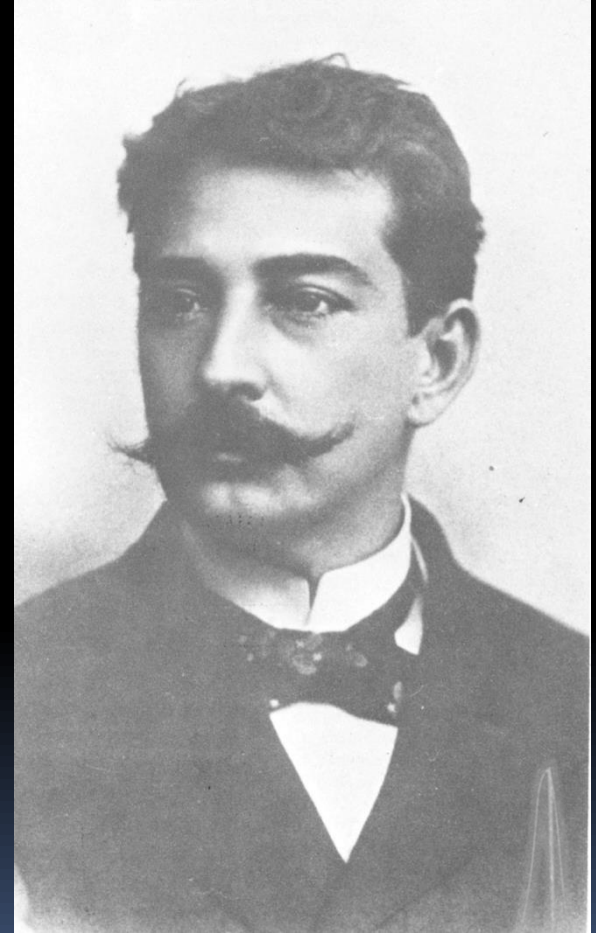
Machado de Assis
Rio de Janeiro, 1839 - 1908

El cortijo *(fragmento)*

(...)

Se suicidó antes de ayer mi triste amigo Boaventura da Costa. ¡Pobre Boaventura! Jamás el infortunio encontró asilo tan cómodo para sus traicioneras maniobras como en aquel cuerpo formado, arqueado y seco, cuyo físico exiguo, en contraste con la rara grandeza de su alma, muchas veces me llevó a pensar seriamente en la injusticia de los cielos y en la desequilibrada desigualdad de las cosas de la tierra. No conocí a una criatura de mejor corazón, ni de peor estrella. Poseía el desgraciado los más famosos dotes morales de los que es susceptible un animal de nuestra especie, escondidos sin embargo en la más ingrata y comprometedora figura que hasta hoy vieran mis ojos entre la interminable cadena de los tipos ridículos. El libro era excelente, pero el empastado detestable. Imagínese un hombrecillo de cinco pies de altura, con una cabeza grande y fea, casi sin frente, ojos hundidos, pequeños y descabellados; nariz de forma dudosa, boca sin expresión, gestos vulgares, ninguna señal de barba, brazos cortos, pecho estrecho y piernas arqueadas; y tendrá una idea del tipo de mi malogrado amigo.

(...)



Aluísio Azevedo

Maranhão, 1857 – Buenos Aires, 1913

LENGUA PORTUGUESA

Ultima flor del Lacio, inculta y bella,
Eres, a un tiempo, esplendor y sepultura:
Oro nativo, que en la ganga impura
La tosca mina entre aluviones guarda...

¡Ámote así, desconocida y oscura,
Trompeta de alto clangor, lira sincera,
Que tienes el estruendo y el silbido de la tormenta,
Y el arrullo de la saudade y de la ternura!

¡Amo tu vigor agreste y tu aroma
De selvas vírgenes y de ancho océano!
¡Ámote, oh rudo y doloroso idioma
En que de la voz materna oí: "¡Hijo mío!",
Y en que Camoes lloró, en el exilio amargo,
El genio sin ventura y el amor sin brillo!

(Trad. J. Intxausti)



Olavo Bilac
Rio de Janeiro, 1865 - 1918

El Pre modernismo (1893 - 1822)

Canudos no se rindió

Cerremos este libro.

Canudos no se rindió. Ejemplo único en toda la historia, resistió hasta el agotamiento completo. Expugnado palmo a palmo, en la precisión integral del término, cayó el día 5, al anochecer, cuando se cayeron sus últimos defensores, cuando todos murieron. Eran cuatro apenas: un viejo, dos hombres hechos y un niño, delante de los cuales rugían rabiosamente 5 mil soldados.

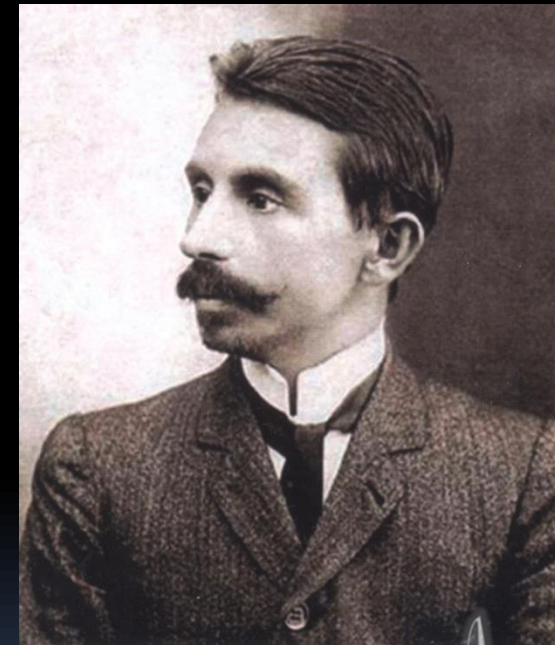
Forremos el trabajo de describir sus últimos momentos. Ni podríamos hacerlo. Esta página, la imaginamos siempre profundamente emocionante y trágica; pero la cerramos vacilante y sin brillos. Venimos como quien venga una montaña altísima. En lo alto, desde una perspectiva mayor, el vértigo...

Además, no desafiaría la incredulidad del futuro la narrativa de pormenores en que se mostrasen mujeres precipitándose a las fogatas de los propios hogares, abrazadas a sus hijos pequeños...

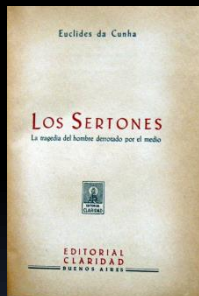
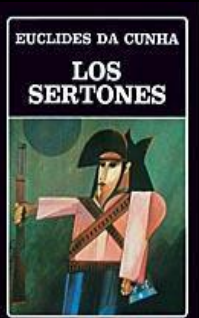
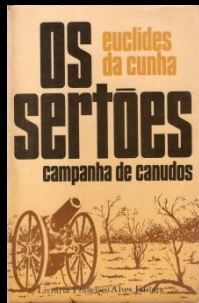
Y, ¿de que modo comentaríamos, tan solo con la fragilidad de la palabra humana, el hecho singular de que no viniera más, partir de la mañana del 3, los prisioneros válidos cogidos en la víspera, y entre ellos aquel Antonio Beatito, que a nosotros se había entregado, con confianza — y a quien debemos preciosos esclarecimientos sobre esta fase oscura de nuestra Historia?

Cayó el caserío el 5. El día 6 terminaron de destruirlo desmanchándole las casas, 5.200, cuidadosamente contadas. (...)

In: Los Sertones



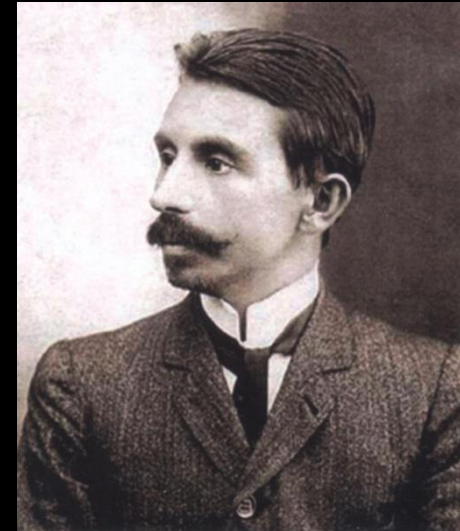
Euclides da Cunha
Rio de Janeiro, 1866 - 1909



TIERRA SIN HISTORIA

“(...) Presentémoslo en líneas a secas, solo con la elocuencia que se necesita para resolverse un problema de geometría elemental.

Considérese en el mapa los trazados del Purús, del Juruá y del Javari, y los del Madre-de-Dios y Ucayali. Son contradictorios. Los primeros, en sus rumbos uniformes y por igual intercalados, se delinean como vallas: subdividen la tierra. Los últimos son desmedidos lazos de unión: la abarcan. El Ucayali, a partir de la confluencia del Marañón, se alarga, contorcido, de ocho grados hacia el sur; gira después hacia el este, por el Urubamba; y al abrir en Mishagua y Serjali se van a juntar a los últimos manaderos orientales del Madre-de-Dios. Este, a partir de la confluencia del Beni, que lo lleva al Madera, se desata en extensísima arqueadura, cortando siete grados de longitud, hacia el occidente; gira, suavemente, hacia el norte por el *thalweg* del Manu; y al repartirse en Caspajali y Shauinto, casi se va al encuentro de las últimas vertientes occidentais de Ucayali. Al centro una tira de tierra, con 5 millas de anchura: el istmo de Fitz-Gerald. Los dos ríos abarcan casi toda la Amazonía en un área de cerca de 1.100.000 km, formando la mayor península de la Tierra. La pintura hidrográfica se asemeja a un desconforme tenaz agarrando a un pedazo de continente por las astas que se curvan, constrictoras, articuladas en aquel istmo. (...)”



Euclides da Cunha
Rio de Janeiro, 1866 - 1909



CENTRO CULTURAL
BRASIL - PERU
FUNDADO POR ROZENILDA FALCÃO DE MELO

El Modernismo (1922 - 1945)



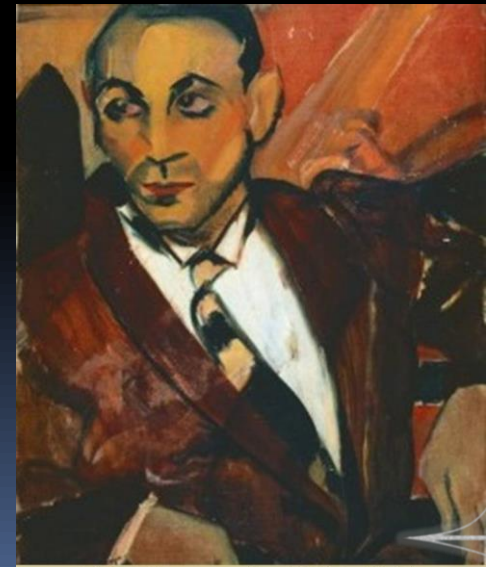


Anita Malfatti
(1889 – 1964)

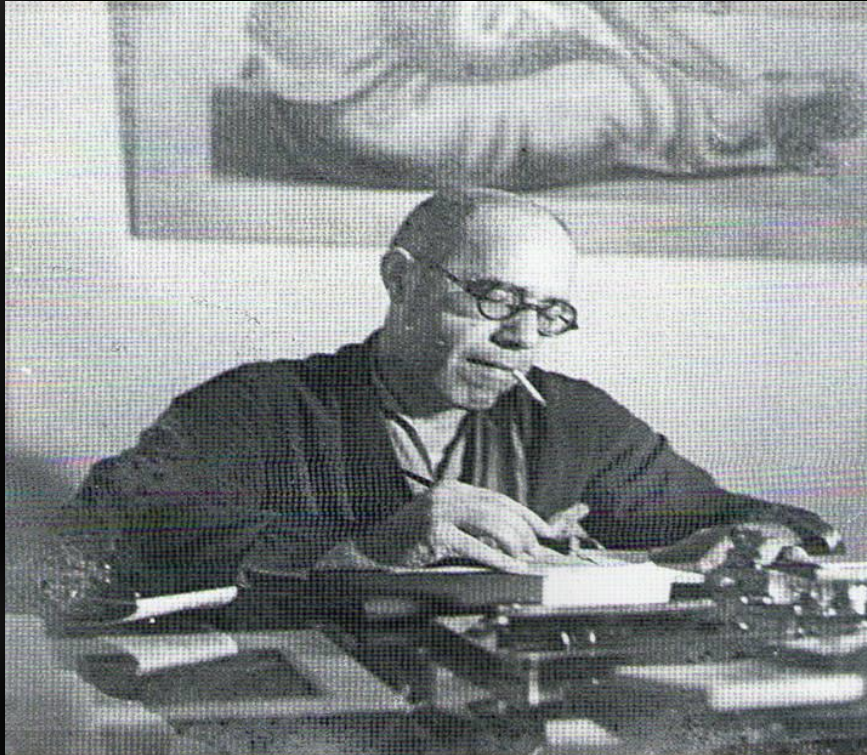
Considerada por los críticos y participantes de la Semana de Arte Moderno como la precursora del movimiento, la autora, a través de su pintura, prendió la mecha de la vanguardia del modernismo brasileño. Participó en la Semana con 20 trabajos, siendo el cuadro “El hombre amarillo” (O homem amarelo - 1915-1916) una de las obras más destacadas, adquirida en la oportunidad por Mario de Andrade.



La bocacalle y el árbol (1915 – 1916)
Anita Malfatti



El hombre amarillo (1915 – 1916)
Anita Malfatti



Mario de Andrade
(1893 - 1945)

Poeta, novelista, ensayista y musicólogo brasileño, fue uno de los participantes activos de la Semana de 1922. Con la publicación de *Pauliceia Desvairada* ("La ciudad delirante") ese mismo año, da una gran contribución a la poesía modernista brasileña. Es también autor de *Macunaíma*, considerada una de las obras más importantes de la narrativa brasileña del Siglo XX.

Pauliceia Desvairada (1922)
Mario de Andrade

¡Sao Paulo! Conmoción de mi vida...
Mis amores son flores hechas de original...
¡Arlequina!... Traje de rombos...
Ceniza e Oro...
Luz y bruma... Horno e invierno tibio...
Elegancias sutiles sin escándalos, sin celos...
Perfumes de Paria... ¡Arys!
Cachetadas líricas en el Trianon...
¡Algodonal!
¡Sao Paulo! Conmoción de mi vida...
¡Galicismo a berrar en los desiertos de América!
(...)





Oswald de Andrade
(1890 - 1954)

Poeta, ensayista y dramaturgo brasileño, uno de los promotores de la Semana de Arte Moderno de Sao Paulo en 1922. Colaboró en la revista *Klaxon*, una de las publicaciones más destacadas del Movimiento Modernista de Brasil y fundó posteriormente la Revista Antropofagia (1928).

Manifiesto Antropófago (1928)
Oswald de Andrade

Solo la antropofagia nos une:
socialmente, económicamente,
filosóficamente.

Única ley del mundo.

Expresión enmascarada de todos los
individualismos, de todos los
colectivismos.

De todas las religiones.

De todos los tratados de paz.

TUPI
OR NOT TUPI

THAT IS THE QUESTION.



Menotti del Picchia
(1892 - 1988)

Poeta, escritor, periodista y pintor, uno de los organizadores de la Semana de 22. Considerado "el mulato" del modernismo brasileño, por su obra Juca Mulato (1917)

Juca Mulato (1917)
Menotti del Picchia

Nubes vuelan por el aire como bandadas de garzas,
Artista bohemio, el sol, mezcla en la cordillera
pinceladas esparzas
de oro mate.

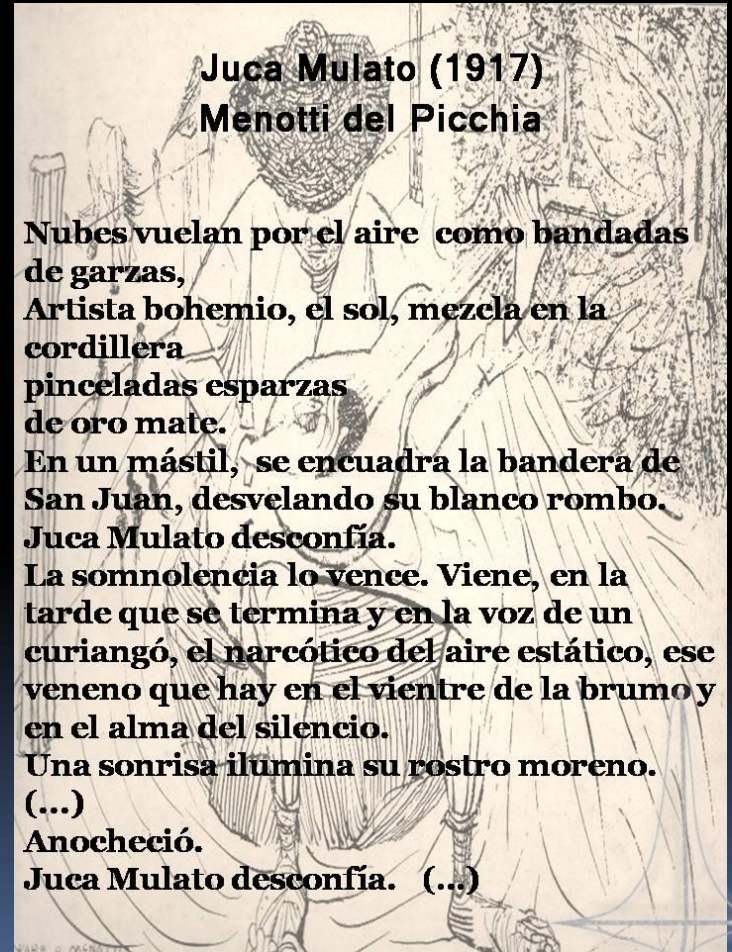
En un mástil, se encuadra la bandera de San Juan, desvelando su blanco rombo.
Juca Mulato desconfía.

La somnolencia lo vence. Viene, en la tarde que se termina y en la voz de un curiangó, el narcótico del aire estático, ese veneno que hay en el vientre de la bruma y en el alma del silencio.

Una sonrisa ilumina su rostro moreno.
(...)

Anocheció.

Juca Mulato desconfía. (...)





Manuel Bandeira

(1886 - 1968)

Poeta, crítico literario y traductor brasileño, Manuel Bandeira pertenece a la generación de 1922. Es autor del poema "Los sapos", leído por Ronald de Carvalho en la Semana de 22, bajo las ruidosas protestas del público presente que se oponía al Movimiento Modernista.

LOS SAPOS (1919) Manuel Bandeira

Hinchando los buches,
Salen de la penumbra,
A los saltos, los sapos.
La luz los deslumbra.

En ronquido que aterra,
Berrea el sapo buey:
- "¡Mi papá fue a la guerra!"
- "¡No fue!" - "¡Fue!" - "¡No fue!"

El sapo-tonelero,
Parnasiano aguado,
Dice: "El cancionero
Es bien martillado".

Mira como me esmero
¡En comer los hiatos!
¡Qué arte! Y nunca rimo
Los términos cognados.

Mi verso es bueno
Trigo sin cizaña.
Hago rimas con
Consonantes de apoyo.

Hace cincuenta años
Que les di la norma:
Reduje sin daños
A hormas la forma.

Clame la grey anfibia
En críticas escépticas:
"Ya no hay más poesía
Pero hay artes poéticas..."

Brama el sapo-buey:
- "Mi padre fue rey" - "Fue!"
- "¡No fue!" - "¡Fue!" - "¡No fue!"

Vocifera en un asomo
El sapo-tonelero
- "El gran arte es como
Labor de joyero".

O bien de escultor.
Todo cuanto es bello,
Todo cuanto es diverso
Canta en el martillo.

Otros, sapos- toneles
(Un mal en sí cabe),
Hablan por las tripas:
- "¡Sé!" - "¡No sabe!" -
- "¡Sabe!"

Lejos de esa grita,
Allá donde más densa
La noche infinita
Vierte sombra inmensa;

Allá, huyendo al mundo,
Sin gloria, sin fe,
En el vacío profundo,
Y solitario, es

Que sollozas tú,
Doliente de frío,
Sapo-cururú
A orillas del río...



Villa
Lobos

Heitor Villa-Lobos
(1887-1959)

Importante componente del modernismo brasileño, el maestro Heitor Villa-Lobos creó un lenguaje específico para la música nacional, uniendo elementos musicales folclóricos e indígenas.

Heitor Villa-Lobos

"Tengo el honor de ser un artista exclusivamente hecho en Brasil, donde estudié y donde me formé; ni siquiera he hecho estudios de perfeccionamiento en el extranjero, como es común entre nosotros. Por ello, los éxitos, mejor dicho, las victorias que felizmente he logrado, son éxitos de Brasil, victorias integralmente nuestras que dan más y más fuerza para apuntar los enojos comunes en nuestra tierra".

Bachianas Brasileiras n° 5



"El pueblo es, al fin y al cabo, el origen de todas las cosas bellas y nobles, inclusive de la buena música! [...] Tengo una grande fe en los niños. Creo que de ellos todo se puede esperar. Por eso es esencial educarlos. Es necesario darles una educación básica de sentido ético, como iniciación para una futura vida artística. (...) Un pueblo que sabe cantar está a un paso de la felicidad. (...) "

"Considero la música, en principio, como un indispensable alimento del alma humana. Por consiguiente, un elemento y factor imprescindible a la educación de la juventud."



t a r S i l a (1886 - 1973)
DO AMARAL

Tarsila do Amaral se encontraba en París cuando se dio la Semana de Arte Moderno de São Paulo, pero supo las noticias a través de la amiga Anita Malfatti. Regresó a Brasil en junio de 1922 y conoció a los escritores Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia y Mario de Andrade, formando con ellos y Anita Malfatti el "Grupo de los cinco", que agitó culturalmente la ciudad de São Paulo con reuniones, fiestas, conferencias.



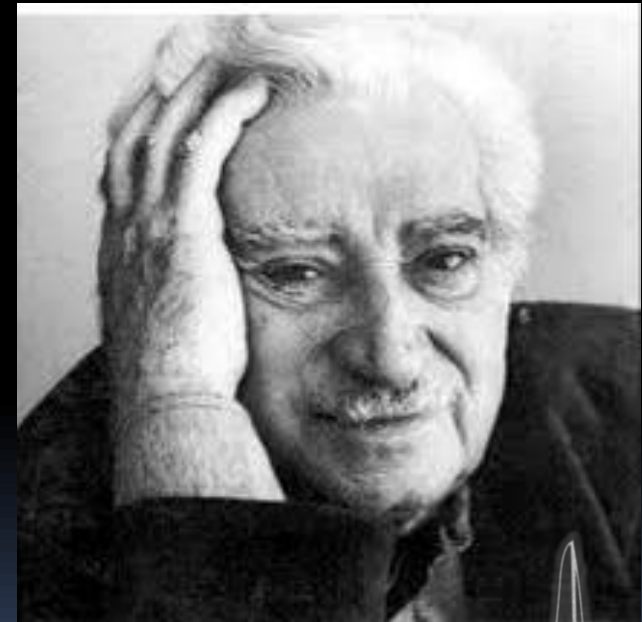
Abaporu (del tupí-guaraní *aba/poru*, hombre que come)
de Tarsila do Amaral (1928).

DERECHO PENAL

Colodino no era ingenuo y se dio cuenta de que el hijo del patrón le arrastraba el ala a Magnolia. Y lo peor de todo es que Magnolia era complaciente, quizá sintiéndose honrada por aquella preferencia del futuro doctor. Ese fin de año Osorio se graduaría en derecho y en la casa ya se hablaba de la fiesta. Delgadito, con anteojos de carey y manos de mujer, usaba tanta brillantina en los pelos negros que cuando le daba el sol parecía un espejo. Decían que era uno de los mejores alumnos del curso, "orgullo de maestros y condiscípulos" como informaba el "Jornal de Ilhéus" el día de su llegada (...). Iba a misa todos los domingos, en Pirangi, con una cinta azul en el cuello, símbolo de no sé qué Congregación y guardaba en su habitación una serie de libros inmorales con grabados. Siempre que aparecía por la plantación traía dos o más amigos, para "gozar mejor de la paz bucólica", según decía. (...) Los hijos de los coroneles son semidioses despóticos que gustan desflorar por juego, a las tontas rústicas de pies grandes y manos callosas. Presumidos, de hablar difícil como que sabían gramática, bestiales y mal educados, esos niños bien me causaban una rabia miedosa.

Colodino los toleraba y no recuerdo que el carpintero hubiera respondido nunca a alguna pregunta de esos académicos. Conversaban con nosotros desde lejos, con miedo a ensuciarse. Y miraban enternecidos a los árboles de cacao que les proporcionaban la plata para sus diversiones en las pensiones alegres de Bahía... (...)

In: Cacao



Bahía, 1912 – 2001

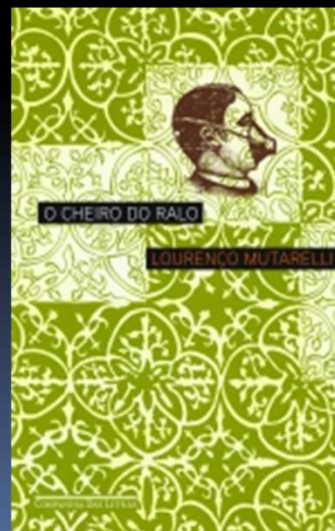
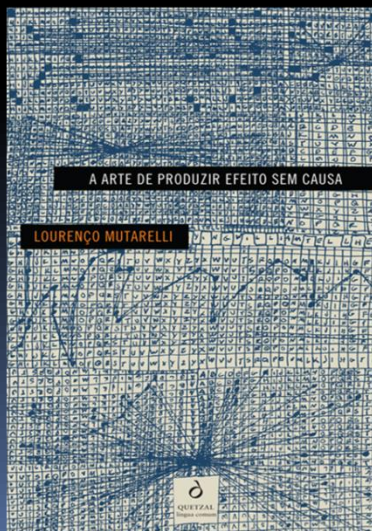
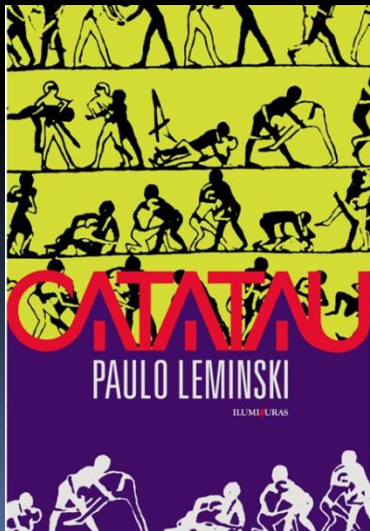
La literatura contemporánea



La literatura contemporánea

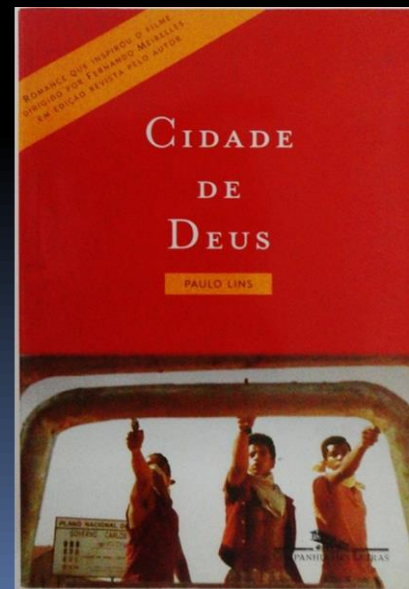
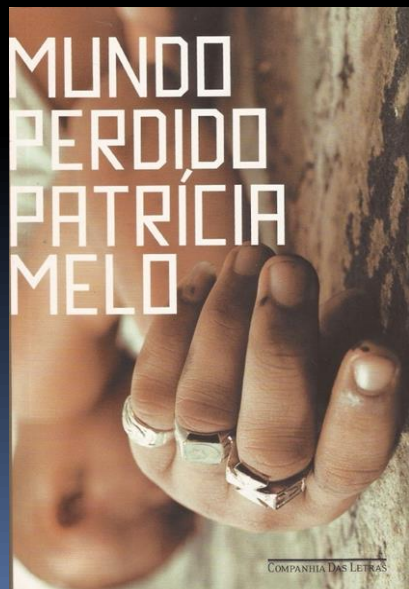
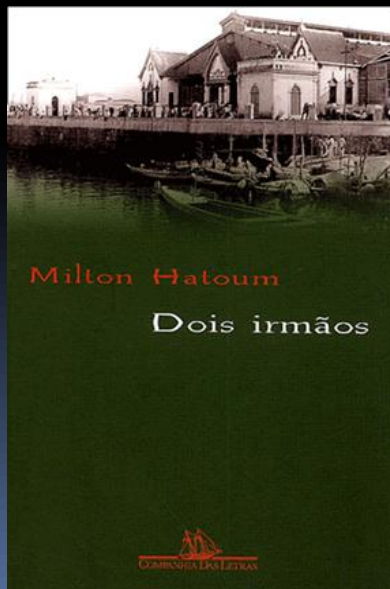
TENDENCIAS TEMÁTICAS

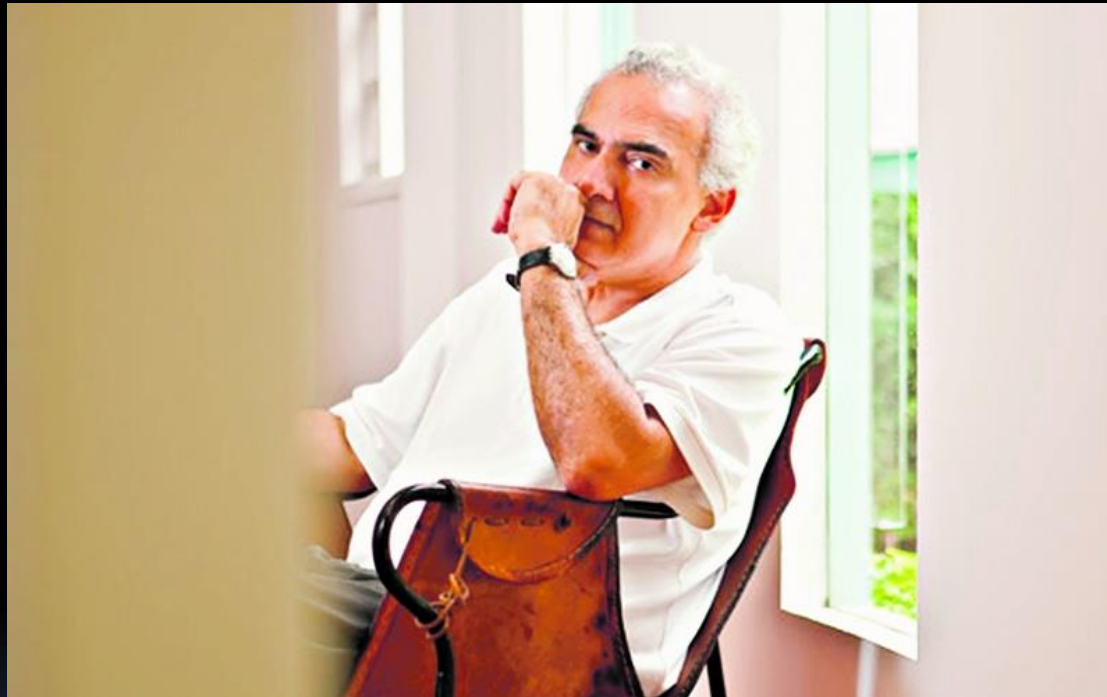
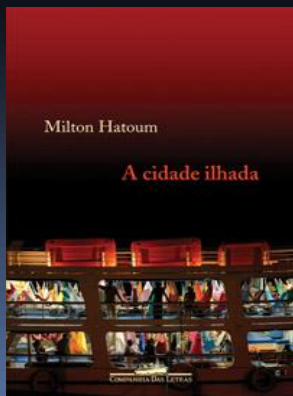
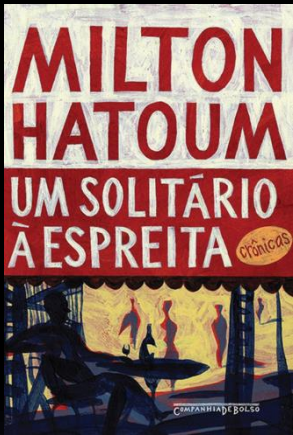
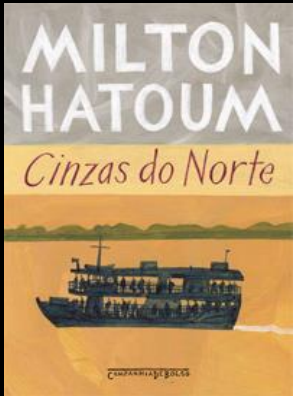
- Gran número de publicaciones al año;
- Literatura regionalista;
- Escritores con mismos ancestros temáticos publicando juntos en revistas literarias y antologías;
- Se renueva el interés por la literatura de género;
- Temas relacionados a experiencias de individuos con disturbios mentales, encarcelados, hospitalizados, etc.



TENDENCIAS EN LA FORMA

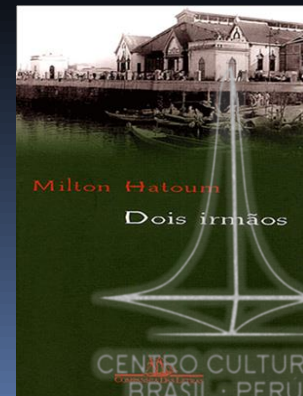
- Tratamiento no exhaustivo del tema;
- Enfoque afectivo de la experiencia humana;
- Punto de vista parcial y personal;
- Anarquía de géneros;
- Narrativa artificiosa: nuevo romanticismo.





Milton Hatoum (Manaos, 1952)

«Todavía considero la literatura como una aventura de la imaginación y el conocimiento.»



Milton Hatoum y el regionalismo revisitado.

«El autor revitaliza el género, en un momento de la historia de la ficción brasileña en que parecía que se estuviera agotando (...)»

- Nuevas formas de romance: valoración del flujo de conciencia; superposición de voces narrativas; y tiempo fragmentado (pedazos de historia);
- Tendencia hacia narrativas cortas, debido a la presión del mercado editorial;
- Historia de Brasil como trasfondo de la narrativa;
- Regionalismo reinventado:
 - El espacio narrativo es específico, se construye en oposición a los demás espacios a partir de la expansión de subculturas;
 - Ausencia de lo pintoresco, ya que exótico es el espacio común de los personajes; y
 - Corroboración de la energía creadora de una cultura (transculturación).



Bibliografia

- RESENDE, Beatriz. "Um panorama da literatura recente no país". SP: Folha de São Paulo, Caderno Ilustríssima, 23/02/2014.
- "Respostas de Alcir Pécora" – entrevista. SP: Folha de São Paulo, Caderno Ilustríssima, 23/02/2014.
- www.dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos
- **POESÍA BRASILEÑA COLONIAL.** Traducción y prólogo de Ricardo Silva-Santisteban. Lima: Centro de Estudios Brasileños, 1985. 117 p.
- Extraído de *TRES POETAS ROMÁNTICOS: GONÇALVES DIAS, CASTRO ALVES, SOUSÂNDRADE*. Prólogo de Luis Jaime Cisneros. Traducciones de Washington Delgado, Arturo Corcuera y Javier Sologuren. Lima: Centro de Estudios Brasileños, 1984. 109 p. (Tierra Brasileña. Poesía, 20)
- CUNHA, Euclides da. «À margem da história». Rio de Janeiro: ABL, 2005.
- Ribeiro, Adriano Machado. O gênero decoroso do Sermão da Sexagésima. Art Cultura, Uberlândia, v. 10, n. 17, p. 9-22, jul.-dez. 2008
- Carneiro, Sarissa. Aproximaciones a la carta de Pero Vaz de Caminha al Rey D. Manuel sobre el descubrimiento de Brasil. Universidad de Chile, 2010.
- http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/a-margem-da-historia--o/html/ffc9g874-82b1-11df-acc7-002185ce6064_1.html
- <http://www.epdip.com/escritor.php?id=1422>
- <http://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-royalty-free-ec%C3%B3logo-no-conceito-do-trabalho-image13240559>.
- ABL.Gonçalves Dias na Amazônia - Relatórios e Diário da Viagem ao Rio Negro, com introdução de Josué Montello.
- REVISTA USP, SÃO PAULO (30): 94-107, JUNHO/AGOSTO 1996

